

# A etnomusicologia nos escritos da ABEM - o uso de ideias, teorias e autores da etnomusicologia nos textos publicados pela ABEM

Hugo L. Ribeiro

hugolribeiro@yahoo.com.br

22 de novembro de 2004

## Resumo

Este texto procura identificar as ideias, teorias e autores da etnomusicologia utilizados em textos publicados pela ABEM. Sendo uma espécie de bibliografia selecionada e comentada, espera-se servir de fonte de consulta outros pesquisadores.

**Palavras-chave** Educação Musical, Etnomusicologia, ABEM

## Abstract

This paper intends identify ideas, theories and authors from ethnomusicology, cited or implicated used in articles published by the Brazilian Association of Musical Education.

**Keywords** Musical Education, Ethnomusicology, ABEM

## 1 Introdução

Uma tentativa de identificar ideias e teorias etnomusicológicas em textos não escritos com fins etnomusicológicos pode ser frustrado logo de início, devido à multidisciplinaridade e interdisciplinaridade que guiam os atuais estudos e filosofias musicais. Se essa já pode ser considerada uma influência da etnomusicologia, não podemos negar o valor e importância que estudos de cunho psicológico, linguístico, sociológico e antropológico tiveram, e ainda têm, em praticamente todos os estudos musicais no ocidente do final do século XX e início do século XXI. Sendo a etnomusicologia, um campo de estudo forçosamente interdisciplinar, identificar 'teorias etnomusicológicas' significaria entender quais

teorias são propostas e pensadas somente em um contexto etnomusicológico. Ao tempo em que tal iniciativa demandaria um esforço hercúleo, cujo resultado seria a tão sonhada definição do que seja a etnomusicologia, ao mesmo tempo seria como impor barreiras e limitações numa época em que se luta justamente contra tais barreiras e limitações.

No entanto, há um consenso sobre assuntos e fazeres musicais que são tipicamente abordados por estudos etnomusicológicos, tais como músicas de tradição oral, músicas de minorias, músicas de povos não letrados, músicas rurais tradicionais ou músicas folclóricas, e músicas não ocidentais entre outros. Porém, há alguns assuntos tais como o ensino musical informal, e a relação entre música e contexto socio-político que, apesar de também serem abordados pela etnomusicologia, não podem exigir dela uma certidão de paternidade. Tais assuntos são interdisciplinares por natureza, e não há possibilidade de mensuração de quais teorias são mais importantes: a etnomusicologia ou a educação musical, no primeiro exemplo; ou a etnomusicologia, a sociologia ou a antropologia, no segundo exemplo. Novamente volto a reafirmar a minha não intencionalidade de construir barreiras, uma vez que o foco principal da pesquisa e seus objetivos pretendidos irão determinar qual o embasamento teórico será prioritário em detrimento dos demais. Mas, se nos dias atuais é impossível não reconhecer a influência que a etnomusicologia teve sobre as demais áreas de estudo musical, ainda é comum encontrarmos estudiosos da música que, se já ouviram falar da etnomusicologia, não conhecem suas idéias, teorias, ou teóricos. Isso não teria nenhuma importância, se não fosse o fato de tais pesquisadores, ignorantes da etnomusicologia, acabam por fazer pesquisas que teriam uma relação muito próxima com esta disciplina. Dessa forma, acabam reinventando a roda, e fazem o maior estardalhaço quando descobrem a pólvora.

Este texto pretende, portanto, procurar nas publicações da ABEM como tem sido tratado assuntos que têm uma relação muito próxima com a etnomusicologia, procurando detectar se há citações ou usos implícitos de idéias e teorias propugnadas pela ela. Assim sendo, também interessa saber quais os teóricos mais citados e quais áreas de estudo têm sido dado maior atenção.

## **2 Publicações da ABEM**

Criada no início da década de 90 de século passado, a ABEM conta hoje em dia com cerca de 370 sócios, entre graduados e pós-graduados em música e/ou disciplinas afins (artes, comunicações, filosofia, educação, etc...). Nos encontros nacionais e regionais da ABEM, é fácil notar a pluralidade de estudos, seja em relação ao foco, aos objetivos, ou embasamentos teóricos. Isso também tem se refletido nas publicações promovidas pela

ABEM. Se no passado havia uma indiferença em relação às pesquisas em Educação Musical no Brasil, por focarem, na maioria das vezes, a iniciação musical e teorias ultrapassadas; hoje em dia vemos estudos que abrangem desde a psicologia cognitiva aos problemas do ensino superior em música.

Das trinta publicações promovidas pela ABEM até dezembro de 2004, treze são os *Anais* com resumos ou textos completos de trabalhos apresentados e comunicações proferidas nos encontros anuais; onze são proveniente da *Revista da ABEM*, cujo objetivo é promover conhecimento acadêmico através de artigos que tenham relação com a Educação Musical; quatro são da série *Fundamentos da Educação Musical*; e duas são da *Série Teses*, cujo objetivo prover o acesso a textos oriundos de teses de doutoramento, que se mostrem relevantes aos objetivos da ABEM<sup>1</sup>. Ver Tabela 1.

Título	Números lançados
Anais dos Encontros Anuais	13
Revista da ABEM	11
Fundamentos da Educação Musical	4
Série Teses	2
Total de publicações	30

Tabela 1: Publicações da ABEM

### 3 Anais

Dos treze Encontros Nacionais da ABEM, todos tiveram *Anais* publicados, porém, somente a partir do número nove contêm o texto completo das comunicações e painéis. Isso implica numa observação muito superficial possibilitada pelos resumos de comunicações publicados nos primeiros *Anais*. Portanto, do número um, ao número oito, limitarei minhas considerações principais aos textos completos de palestras e mesas redondas, fazendo breves comentários aos resumos das comunicações, se necessário for.

#### 3.1 Numero I (1992)

No primeiro *Anais*, Alda Oliveira fala do “problema da biculturalidade levantado por Swanwick” (Oliveira 1992, p. 24). Difícil não fazer um paralelo com a idéia de bimusicalidade de Mantle Hood. Da mesma forma, lembramos de John Blacking em *How Musical is*

---

<sup>1</sup>O *Boletim Informativo* apesar de ser considerado uma publicação oficial da ABEM, não foi levado em conta na atual pesquisa, por conter basicamente informativos sobre encontros regionais, publicações ou chamadas para trabalhos.

*Man*, quando Hargreaves cita a filosofia subjacente ao Currículo Nacional em Música na Inglaterra: “A música não deve ser disponível somente para a elite talentosa; deve ser desfrutada, ao menos em algum nível, por todos” (Hargreaves 1992, p. 20). Destaco também o necessário relativismo antropológico presente no texto de Rosa Fuks ao comentar que: “Torna-se importante relevar o fato inquestionável de que o conceito afinado/desafinado é dinâmico, sofre mudanças, em virtude das diferenças culturais - dimensão espacial” (Fuks 1992, p. 64). Ao comentar um necessário multiculturalismo ausente de preconceitos na ação educativa, Gonçalves diz: “A ação educativa] deve ser eclética, nacional ou universal, popular, erudita ou folclórica, expressa nos diversos idiomas da linguagem musical de todos os tempos” (Gonçalves 1992, p. 75). Já Margarete Arroyo cita alguns princípios norteadores de sua prática pedagógica em três contextos escolares distintos. Sendo todos de cunho altamente etnomusicológicos, cito o quarto, no qual “as músicas do contexto cultural da criança devem estar presentes, bem como músicas de outras culturas, buscando com isso a expansão e enriquecimento do universo musical dos alunos e uma inteligência musical mais ampla” (Arroyo 1992, p. 91). Por último, Vanda Freire apoia-se na categorização das funções sociais da música elaborada por Alan P. Merriam (1964) como suporte teórico para sua pesquisa sobre a prática do magistério superior em música (Freire 1992, p. 124-26).

### 3.2 Numero II (1993)

No segundo *Anais*, o que primeiro nos chama a atenção é o resumo da comunicação de Margarete Arroyo (Arroyo 1993, p. 94), sendo o primeiro texto explícito sobre a relação da etnomusicologia com as práticas pedagógicas numa publicação da ABEM. Nesse mesmo *Anais*, Swanwick nos brinda com um pequeno relato sobre o aprendizado de um instrumento e o reconhecimento de seu valor musical, através do contato direto com a construção e execução do mesmo (Swanwick 1993, p. 30). Por fim, Liane Hentschke faz uma referência indireta a questões básicas da etnomusicologia, ao citar Vulliamy<sup>2</sup>: “(...) os professores têm ignorado tremendas possibilidades musicais das tradições Afro-americanas e inclinaram-se a ignorar e a preconceituar as músicas que não faziam parte da herança cultural européia” (Hentschke 1993, p. 61).

---

<sup>2</sup>Como nas referências bibliográficas não consta o livro citado, uma vez que a citação foi retirada do livro de Swanwick, K, 1988, *Music, Mind and Education*, London: Routledge; presumo que seja Graham Vulliamy and Edward Lee, eds, 1976, *Pop Music in School*, Cambridge, England: Cambridge UP.

### 3.3 Numero III (1994)

No terceiro *Anais*, somente a palestra de Esther Beyer faz alguma referência implícita e sem citar nenhum autor (Merriam), à um assunto abordado pela etnomusicologia, quando diz:

Se observarmos a atuação dos jesuítas em música no Brasil, verificamos que estes trouxeram ao elemento indígena um repertório vigente naquela época na Europa. Ou seja, os jesuítas educaram os indígenas musicalmente para um desempenho musical destes nas missas. Embora houvesse praticamente o abandono de um repertório e a adoção de outro, verificamos que ambos desempenham a mesma função: a função religiosa. Assim sendo, a música ‘é’ e ‘funciona’.(Beyer 1994, p. 102-3)

Vale a pena citar os resumos das comunicações de Ermelinda Paz sobre o aprendizado rítmico nas Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Paz 1994, p. 240); de Maria de Lourdes Sekeff, também sobre aprendizado rítmico, destacando a “música como forma de comportamento” (Sekeff 1994, p. 244); de Sônia Chada, uma etnografia sobre as práticas musicais numa casa de candomblé (Chada 1994, p. 247); e Marialva Rios, sobre o processo de aprendizagem da tradição oral (Rios 1994, p. 258).

### 3.4 Numero IV (1995)

No quarto *Anais*, cujo tema relacionava cultura e educação, era de se esperar um maior número de referências à etnomusicologia, do que nos *Anais* anteriores. Já na palestra de abertura, a professora argentina Ana Lucía Frega relata a declaração de princípios para a promoção mundial da educação musical da ISME, da qual destaco os tópicos 9, 10 e 11:

9) que todos los educandos deberían tener la oportunidad de estudiar y participar en la(s) musica(s) de su(s) propia(s) cultura(s) y de otras culturas de su propia nación y de las del mundo. 10) que todos los educandos deben tener a oportunidad de desarrollar sus habilidades para *comprender* los contextos históricos y culturales de la musica que encontra... 11) en la validez de todas las musicas del mundo, respeta en valor que cada comunidad le da a su propia musica. La Sociedade cree que que la riqueza e la diversidad de las musicas del mundo es un hecho para celebrar, y es una oportunidad para el aprendizaje intercultural, a los efectos de estimular la comprensión internacional, la cooperación y la paz. (Frega 1995, p. 9-10)

Ao abordar a relação entre alunos adolescentes, seus contextos culturais e o repertório ensinado nas aulas de música, Cristina Tourino cita as dez funções da música proposta por Merriam (1964) (Tourinho 1995a, p. 45). Já Irene Tourinho questiona a ideia de

um ensino multicultural, ao afirmar que: “Aprender, pesquisar e expandir nosso gosto e comportamentos musicais são tarefas incontestáveis para quem ensina. Porém, a farsa pedagógica em nome, por exemplo, do multiculturalismo é anti-pedagogia. Ou melhor, é sadismo sócio-cultural.” (Tourinho 1995b, p. 63). Por sua vez, Marialva Rios cita Merriam para situar-se dentro de um processo de aprendizagem feito por imitação nas práticas formais e informais (Rios 1995, p. 67). Observe-se também as comunicações de Margarete Arroyo, baseada nos “conceitos de ‘Inteligência Musical’ e ‘Pensamento Musical’ propostos pelo etnomusicólogo John Blacking” (Arroyo 1995, p. 78); e de Ermelinda Paz sobre as baterias das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Paz 1995, p. 84).

### **3.5 Numero V (1996)**

No quinto *Anais*, Jussamara Souza relaciona a etnomusicologia entre as diversas disciplinas que estão interligadas com a Educação Musical (Souza 1996, p. 15), e mais à frente cita Elizabeth Lucas, ao refletir sobre a noção de que “o significado musical é construído culturalmente, em dadas condições contextuais” (p. 28). E finaliza aceitando o fato de que a etnomusicologia “revela contribuições fundamentais para a análise de processos do ensino/aprendizagem de música nas suas dimensões políticas e sociais.” (p. 28). Já Alda Oliveira lança mão de Blacking (1973) para mostrar que “o que é chamado Música em um grupo cultural depende do contexto social e da função do comportamento em questão, existindo variações consideráveis nas razões e processos pelas quais pessoas constroem melodias num grupo cultural...” (Oliveira 1996, p. 75). Santos, ao abordar a pesquisa em música, cita textos de Nketia, Seeger e Blacking, relacionando-os à uma “orientação musicológica ou etnomusicológica favorável ao estudo do fato musical na situação de performance.” (Santos 1996, p. 158). Por fim, a comunicação de Margarete Arroyo sobre um estudo comparativo dos processos de ensino/aprendizagem em “dois contextos contrastantes”, um Conservatório de Música, e o ritual de uma festa de Congado (Arroyo 1996, p. 232).

### **3.6 Numero VI (1997)**

O sexto Encontro Anual da ABEM coincidiu em Salvador-BA com o I Encontro Latino-Americano de Educação Musical, sendo a produção de ambos condensados num mesmo *Anais*. Ao fazer uma abordagem da relação música-sociedade, Freire discute assuntos como “o discurso das culturas vividas” de Henry Giroux<sup>3</sup> e a “pluralidade de conceitos e

---

<sup>3</sup>*Escola Crítica e Política Cultural*. São Paulo: Cortez, 1992

significados musicais”, e finaliza parafraseando Blacking (1980) para quem “todo homem é potencialmente musical e que a musicalidade não é um dom divino concedido a poucos” (Freire 1997, p. 24). A palestra seguinte, proferida pelo etnomusicólogo Gerard Behague, levanta e enumera as contribuições e relações entre esses dois campos de estudo, e faz uma pergunta inicial: “Quais podem ser os benefícios da aplicação pedagógica de alguns conceitos etnomusicológicos?”. Ao desenvolver essa questão, Behague nos traz importantes exemplos, e finaliza o texto com duas sugestões:

1) é forçoso o reconhecimento da diversidade de expressões musicais das sociedades latino-americanas, sem privilegiar uma tradição sobre qualquer outra; 2) se faz urgente a realização de estudos etnomusicológicos para educadores musicais, como fundamento da sua formação profissional, no sentido de prover não só o conhecimento básico das tradições orais (populares, folclóricas, tradicionais) de cada país (e região) e das idiossincrasias das músicas correspondentes, mas também de experiência de campo para sensibilizar os docentes e indiretamente seus alunos sobre os valores nativos estéticos de cada comunidade. (Behague 1997, p. 31)

Ao questionar a escolha de repertórios pelo professor, escola, associações, rádios, televisões, igrejas, clubes, famílias e outras entidades, Alda Oliveira cita Bruno Nettl para afirmar que tal escolha não deve ser etnocêntrica, pois “todas as músicas são boas, e nós não devemos compará-las em termos de como gostamos delas, mas pela mensagem que elas trazem da sua sociedade. (Oliveira 1997, p. 52). Em sua palestra, Carlos Sanchez fala da interdisciplinaridade na educação musical, seja em relação a outras disciplinas específicas de da música (etnomusicologia inclusa), como em relação à outras disciplinas do currículo (Cunill 1997, p. 72). Porém um susto nos acomete ao vermos um termo tão caro (e perigoso) à etnomusicologia, como os universais em música, ser tratado de forma tão inocente por Gloria Mendonza ao falar de multiculturalismo em sala de aula:

Que se conviertan en el material musical por excelencia para que através de él logre un desarrollo integral de sus alumnos, dentro de un critério de interdisciplinariedad, que la va a permitir al individuo abrirse al mundo de la música, y encontrar las bases, los fundamentos, y lo que Ana Lucía Frega<sup>4</sup>, ha llamado “los universales de la Música”. (Mendonza 1997, p. 88)

Já Monteiro volta à diversidade cultural na América Latina, afirmando que tal diversidade cultural e étnica são próprias de sua existência, criando barreiras para uma desejada integração cultural (Monteiro 1997, p. 97).

---

<sup>4</sup>Frega, Ana Lucía, *Los Universales de la Musica. La Educacion Musical Hacia el Siglo XX*, Ponencia en el Ier. Encuentro de Educación musical - Santa Fé de Bogotá, Colombia, 1991.

Algumas comunicações também são importantes de se mencionar. Entre elas a de Adálvia Borges e de Sônia Chada, ambas voltadas para o estudo da transmissão musical em contextos rituais. A primeira na casa de candomblé Ilê Opo Afonjá (Borges 1997, p. 130), a segunda no Ilê Axé Delle Omí (Chada 1997, p. 131). Luciana Prass também aborda essa mesma questão entre os “Bambas da Orgia”, uma escola de samba de Porto Alegre (Prass 1997, p. 135), e Luhning parte de uma exposição de fotos de instrumentos musicais de diversas culturas africanas e afro-americanas para discutir questões relacionadas à identidade cultural, construção de instrumentos, e a contribuição de assuntos relativos à Antropologia Visual e Etnomusicologia para a Educação Musical (Luhning 1997, p. 134).

### 3.7 Numero VII (1998)

Apesar do tema do VII Encontro Anual da ABEM relacionar políticas públicas com a educação musical, nenhuma das palestras fez sequer menção à algum texto etnomusicológico. E para não sair de mãos vazias, cito a comunicação de Margarete Arroyo sobre a influência da Etnomusicologia na Educação Musical (Arroyo 1998, p. 125).

### 3.8 Numero VIII (1999)

(, p. ) (, p. ) (, p. )

### 3.9 Numero IX (2000)

Nesse nono *Anais*, começaram a sair em anexo (disquete) o texto das comunicações integrais, o que propiciou uma revisão mais profunda de seu conteúdo. Nesse Encontro, Carlos Sandroni abordou o ensino musical fora das instituições escolares, usando um termo que ele pegou emprestado de Glória Moura<sup>5</sup>, o currículo invisível. Cita alguns exemplos, entre os quais o Cavalão-Marinho e o Xangô de Recife (Sandroni 2000, p. 21-22). Sendo ele próprio um etnomusicólogo, sua intenção era de estabelecer um possível diálogo entre as duas áreas. Por sua vez, a italiana Johanella Tafuri fala sobre o desenvolvimento musical através do canto, oferecendo diferentes exemplos de qualidades sonoras na emissão vocal, desde a Mongólia, aos Andes, e a ilha de Sardenha. No entanto, mais a frente faz uma referência de segunda mão (Howard Gardner citando Messenger) para exemplificar que “os *Anang* da Nigéria introduzem as crianças na música desde a primeira semana de vida, assim que não nos assombremos, nem os concederemos (sic) superdotados, se aos cinco

---

<sup>5</sup>*Ritmo e Ancestralidade na Força dos Tambores Negros: o currículo invisível da festa*, Tese de Doutorado, USP, 1997.

anos de idade sabem cantar centenas de canções e tocar alguns instrumentos (Tafari 2000, p. 56). Já Regina Simões aborda o ensino musical infantil através das brincadeiras e dos jogos, e cita Seeger<sup>6</sup> para exemplificar: “Brincar com padrões da cultura, no sentido dessa ‘cultura lúica’ é o que fazem as crianças suyá, ao criarem akias-minuatura, músicas imitando a dos adultos, conforme pesquisou Seeger” (Santos 2000, p. 125). Também faz referência ao trabalho de Maragarete Arroyo (1999) e de Alan P. Merriam (1964).

Dentre as comunicações, destaco a de Vânia Müller cujo trabalho procurou investigar “as formas como as crianças e adolescentes em situação de rua se relacionam com a música, e os sentidos que atribuem à ela” (Müller 2000); a de Margarete Arroyo, dando continuidade aos seus estudos anteriores que focalizam a transmissão de saberes em nos Conservatórios e nos rituais de congadeiros (Arroyo 2000), e a Cristina Grossi e demais, ao propor uma abordagem da disciplina percepção musical com a música popular (Grossi et al. 2000). De outro lado, Teca de Alencar Brito, que ao pretender um ensino musical multicultural (Brito 2000), Sonia Albano, ao discutir culturas musicais e a dicotomia erudito-popular (Lima 2000), Ana Luiza Leal, ao questionar a descontextualização do ensino musical no curso da UFPA (Leal 2000), ou Eduardo Luedy, ao refletir sobre as relações entre música-religião-significado (Luedy 2000), não tomam conhecimento de nenhuma literatura etnomusicológica, que vem discutindo essas questões há décadas.

### 3.10 Numero X (2001)

No décimo *Anais*, Vanda Freire discute o a estrutura dos currículos em música de diversas instituições, citando resumida e concisamente seus conteúdos e práticas citadas. Entre os tópicos relacionados, destaco: “1) Ampliação do conceito de práticas musicais... 2) Ampliação do conceito de música, abrangendo diferentes concepções musicais... 8) Desenvolvimento de práticas e conteúdos interdisciplinares” (Freire 2001, p. 15-16). Por outro lado, Alda Oliveira discute as competências necessárias para o professor de música nos dias atuais, e diz:

Quando se pensa em competências, estas podem ser construídas a partir de qualquer conteúdo. A abordagem educacional por competência pretende, portanto, formar pessoas com uma visão mais global de realidade, e vincula a aprendizagem a situações e problemas reais, a partir da diversidade e da pluralidade, para a educação continuada, garantindo sentido ao novo e promovendo a aprendizagem. (Oliveira 2001, p. 25 - 26)

---

<sup>6</sup>Anthony Seeger, *Música Indígena: a arte vocal dos Suyá*, São João del Rei, Tacape (encarte do disco), 1982.

Regina Santos também demonstra uma preocupação com a formação dos novos educadores, e baseia-se em Edgar Morin<sup>7</sup> para enumerar uma necessária reforma do pensamento, dos quais destaco “5) lidar com um mapa mutante de conteúdos culturais, sem que se constituam num ‘currículo turístico’, ciente das implicações da ‘transposição didática’ de saberes culturais e científicos em saberes escolares e acadêmicos...” (Santos 2001, p. 60). Ainda sob o mesmo tema, Liane Hentschke constata um tema recorrente nos textos produzidos pela área de educação musical no Brasil. Segundo a autora, seriam “relatos de práticas de educação musical e pesquisas realizadas em espaços não escolares”, e chega à conclusão de que “estamos então, há algum tempo falando em educações musicais..., há muito tempo não temos um único modelo ou um único método de Educação Musical.” (Hentschke 2001, p. 68). Já Elizabeth Travassos ultrapassa a barreira inicial que ela próprio criara ao dizer que, como etnomusicóloga encontra-se “na condição de ‘estrangeira’ que, desconhece os problemas e marcos teóricos da área de educação musical” (Travassos 2001, p. 75), para refletir sobre um necessário relativismo estético por parte dos educadores musicais. E diz: “Aos campos da Etnomusicologia e da Educação Musical cabe investigá-los [o pluralismo estético] e compreendê-los - de quais grupos sociais emanam, a quais valores estão ligados e assim por diante” (p. 78), comenta que um dos aspectos que aproximam ambas as disciplinas seria um “certo compartilhamento de proposições metodológicas e, mais recentemente, de temas” (p. 79). E Jussamara Souza, ao procurar uma definição epistemológica do campo da Educação Musical, e as novas pesquisas em Educação Musical, assume que uma metodologia de pesquisa adequada seria aquela que:

pudesse captar as distorções, as realidades sociais e escolares, desde as desigualdades sociais, as relações de poder, até as sutilezas da relação docente e das dificuldades dos alunos. Mas, sobretudo pudesse captar os aspectos sociais e culturais da própria prática musical. A pesquisa pedagógico-musical deve estar voltada para os problemas da apropriação e transmissão musical se orientando, principalmente, pelas questões: *quem faz música, qual música, como e por que a fazem?* (Souza 2001, p. 88-9)

Nas seções de comunicações, foram apresentados diversos trabalhos que envolvem assuntos abordados pela etnomusicologia, sendo, no entanto, raro a referência à textos básicos ou autores importantes que já estudaram o assunto em questão. Entre esses trabalhos estão o de Bernadete Zagonel e Guilherme Romanelli, ao pretenderem um estudo dos sambas-enredo da escola de samba Filhos da Capela, em Porto Alegre, com o objetivo de que tal material “além de documentar uma manifestação musical popular, pode

---

<sup>7</sup> *Complexidade e Transdisciplinaridade - a reforma da universidade e do ensino fundamental*, Natal, EDUFRRN, 1999

fornecer subsídios para o ensino da música, a partir da idéia de que se pode usar elementos da cultura local na educação.” (Zagonel and Romanelli 2001); Christiane Assano que, a partir de uma classificação êmica entre músicos chorões que sabem e os que não sabem, retirada de um texto de Alexandre Pinto<sup>8</sup>, ele próprio um chorão, discute as concepções de conhecimento entre eles (Assano 2001); e a comunicação de Harue Tanaka que, ao pretender-se um trabalho de cunho etnográfico, com vistas à observação do processo pedagógico de ensino e aprendizagem musical do Cavalo-Marinho infantil do Bairro dos Novais (João Pessoa - PB) (Tanaka 2001), mais próximo que esse autor chegou de um estudo etnomusicológico foi um texto de Margarete Arroyo<sup>9</sup> e a dissertação de mestrado de Ana C. P. da Nóbrega<sup>10</sup>

Por outro lado, algumas comunicações baseiam-se em autores como Blacking, Nettl e José Jorge de Carvalho para se contextualizar ao desenvolver abordagens multiculturais, tais como Grossi, no relato de uma pesquisa em andamento<sup>11</sup> sobre o uso da música popular no estudo da percepção musical (Grossi et al. 2001); Elza Greif (2001), no estudo sobre o CETEP, ou Maria Beaumont (2001) sobre o ensino musical no Conservatório Estadual de Araguari.

### 3.11 Numero XI (2002)

(, p.) (, p.) (, p.)

### 3.12 Numero XII (2003)

É uma realidade que os Encontros da ABEM, cresceram muito com o passar dos anos, e isso é bastante visível na quantidade de comunicações, que triplicou em relação ao ano de 2001. Em 2003 foram apresentadas (ou pelo menos foram publicadas nos *Anais*) 121 comunicações, dentre as quais eu selecionei 14 que tinham algum interesse etnomusicológico. No entanto, dessas 14 comunicações, somente quatro citam explicitamente textos etnomusicológicos.

No seu estudo sobre práticas pedagógicas e ensino de música, Ana Lúcia e Maria Cecília buscaram em Bruno Nettl a informação de que “entre diferentes lembranças de

---

<sup>8</sup>Alexandre G. Pinto, 1936, *O choro Reminiscencias dos chorões antigos*, Rio de Janeiro, Typographia Glória.

<sup>9</sup>Margarete Arroyo, 2000, “Um olhar antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical”, Revista da ABEM, N.5, Curitiba: ABEM, pp. 13-19.

<sup>10</sup>Ana C. P. da Nóbrega, 1998, *A Rebeca no Cavalo-marinho de Bayeux, Paraíba (um estudo de caso)*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro.

<sup>11</sup>Ver a comunicação apresentada em 2000

aprendizado, as vivências em locais não institucionais, ‘fora da escola’, se tornam importantes principalmente no ensino instrumental onde a hereditariedade, o ‘com quem estudou’ (Nettl, 1995)<sup>12</sup>, é bastante destacado. Neste contexto aprender “sozinho” aparece como um dado diferencial.” (Marques e Louro and de Araújo R. Torres 2003). Há também o estudo etnomusicológico de Antônio Lourenço sobre a Band’Erê e em segundo plano o Ilê Ayê. Segundo o autor, seu objetivo era partir de uma perspectiva etnomusicológica, “procurando relacionar elementos sociais e musicais na busca da compreensão das relações humanas. Assim, este trabalho desenvolve-se dentro das atuais correntes da etnomusicologia aplicada, neste particular, na área educacional.” (Lourenço Filho 2003). Já a comunicação de Cibele Silva aborda os processos de ensino/aprendizagem musical na escola de samba Pena Branca e no bloco Rato Seco em Diamantina. Nesse estudo a autora deixa claro que, “como apoio teórico utilizei as literaturas especializadas em Educação Musical e/ou Etnomusicologia, no contexto preferencialmente brasileiro, tendo sido central a tese de doutorado de Margareth Arroyo<sup>13</sup>” (Silva 2003). Por fim, Dallanhol apresenta o resultado de um trabalho de campo realizado na Terra Indígena Morro dos Cavalos, em Santa Catarina, analisando as categorias musicais nativas jeroxy e jerojy, dos mbyá-guarani. Baseada em diversos textos etnomusicológicos para sua pesquisa, Dallanhol conclui que:

No Morro dos Cavalos confirma-se a suposição de Blacking (1973:35) de que cada cultura é responsável por promover ou impedir habilidades musicais, interferindo nas escolhas de conceitos ou materiais com os quais se compõe música (...) Sendo assim, entre os mbyá-guarani do Morro dos Cavalos ficou evidente de que o ensino e aprendizagem de música ali produzidos apresentam dados muito particulares daquela cultura, que são compreendidos e apreendidos por seus membros. (Dallanhol 2003)

Os demais textos não têm nenhum referencial em etnomusicologia<sup>14</sup>. Na comunicação de Assano (2003), foi abordado os pregões e os sons das ruas sob o referencial teórico de Schaffer<sup>15</sup> e Santos<sup>16</sup>. Wolffenbüttel (2003), ao pretender um estudo do folclore no Ensino Fundamental, relaciona somente textos de folclore brasileiro, ainda baseados numa velha concepção de folclore. Com esse mesmo tópico, Lima e Macena apresentam o resultado de uma pesquisa realizada em algumas escolas de Fortaleza analisando a relação das práticas educativas através da cultura popular. Chegam inclusive a afirmar que:

<sup>12</sup>Bruno Nettl, 1995, *Heartland Excursions – Ethnomusicological reflections on Schools of Music*, Urbana and Chicago: University of Illinois Press.

<sup>13</sup>Ver Arroyo (1999).

<sup>14</sup>Ou pelo menos não na forma que foram apresentados

<sup>15</sup>R. Murray Scahfer, 1994, *Hacia una educación Sonora*, Buenos Aires: Pedagogías Musicales Abiertas.

<sup>16</sup>Fátima Carneiro dos Santos, 2000, “Música das ruas: o exercício de uma ‘escuta nômade’”, *Revista eletrônica Opus*, n.7 (Outubro), Publicação Eletrônica.

Considerando a importância crescente dos estudos e as pesquisas do Folclore – em seus aspectos antropológicos, social e artístico, inclusive como fator legítimo, para o maior conhecimento e mais ampla divulgação da cultura popular brasileira e a necessidade de proteger e estimular, e em certos casos *restaurar* os folguedos populares nacionais, a fim de que possam integrar-se na vida do povo, seja através dos grupos que primitivamente realizavam, sejam através de brincantes não tradicionais – é fundamental que as escolas estimulem nas crianças a prática da pesquisa folclórica. (Lima and Macena 2003, ênfase minha)

Em outra comunicação, Fernanda de Assis e Lilia Neves fazem uma análise de conteúdo do livro *Educação Musical Para a Pré-Escola* de Nereide Schilaro Santa Rosa (1990), e encontraram a função social e a função educativa da canção presente neste livro. Uma das conclusões que chegam é de que, “apesar de em alguns momentos podermos precisar a utilização da canção para ensinar elementos musicais na, maioria das vezes, a canção não tem função musical em si mesma” (Oliveira and Gonçalves 2003). Causa certa surpresa não mencionarem, nem de passagem, Alan Merriam. Por sua vez, Wille (2003), procura entender de que forma os processos de ensino e aprendizagem formal se justapõem às experiências não-formais e informais. De forma próxima, Sílvia Ramos estuda a relação entre o repertório escolar e o repertório midiático, entre eles o funk carioca, chegando a afirmar que, “embora as crianças se identifiquem com alguns gêneros musicais, a Escola os filtra de modo a não permitir a apreciação de determinadas músicas” (Ramos 2003). Juciane Araldi (2003) faz um estudo do processo de aprendizagem dos DJs na cidade de Porto Alegre, e Vânia Fialho (2003) reflete sobre a educação musical dentro da cultura Hi Hop, também em Porto Alegre. Se ambos têm em comum pesquisarem assuntos atuais e a transmissão musical em ambientes não-formais, também têm o fato de não citarem um só exemplo da literatura etnomusicológica sobre o assunto. Também encontramos elementos comuns nas comunicações de Magali Kleber (2003) e de Maria Helena de Lima (2003), ao abordarem a educação musical em projetos sociais, levantando questões sobre educação no contexto e identidade cultural. Kleber investiga as Ongs, mais especificamente o Projeto Meninos do Morumbi, em São Paulo, e o Projeto Villa-Lobinhos, no Rio de Janeiro. Lima por sua vez, dedica-se ao Projeto Música & Cidadania em Florianópolis.

### **3.13 Numero XIII (2004)**

Neste *Anais*, o maior até então, como se era de esperar pelo contínuo crescimento dos Encontros a cada ano, reuniu 157 comunicações. Desse total, foram selecionadas 20 comunicações, também divididas entre aquelas que citam e as que não citam textos ou pesquisas em etnomusicologia.

No texto de Borborema sobre o compositor carioca Marcos Leite, a autora faz uma análise de suas obras vocais e baseia-se em John Blacking, ao entender que “a música expressa aspectos da experiência de indivíduos na sociedade”, e usa as composições de Marcos Leite para compreender que “a sociedade define o papel da música e suas representações diferenciadas” (Borborema 2004). As comunicações de Harue Tanaka (Tanaka 2004) e Jean Joubert (Mendes 2004) abordam aspectos da aprendizagem musical em ambientes não-formais. Ambos são resultado de uma pesquisa etnográfica e trabalho de campo participativo, sendo o primeiro na Escola de Samba Malandros do Morro, e o segundo num terno de congadeiros em Monstes Claros–MG. Em comunhão de idéias também estão os textos de Joana Gomes (Gomes and Fernandes 2004) e José Fernandes (Fernandes 2004), sendo que o primeiro texto foi escrito em parceria por ambos, e o segundo somente pelo autor. Os dois textos discutem o processo de aprendizagem musical numa roda de capoeira, a partir de um estudo multicaso. Suas referências básicas são a dissertação de mestrado em etnomusicologia de Ricardo Pamfilio de Souza, 1998, *A música na Capoeira: Um estudo de Caso*, defendida na Escola de Música da UFBA, Salvador, e o livro de J. H. Kwabena NKetia, 1986, *The Music of Africa*, London: Victor Gollancz. O texto de Teixeira Júnior, faz um breve relato sobre a contribuição da pesquisa participativa na prática de educação musical, a partir de dados etnográficos. Segundo o autor:

De uma forma geral, podemos dizer que a etnografia – enquanto “experiência com” e “escrita sobre” o “outro” –, na medida em que permite aliar as especulações teóricas aos dados concretos, empíricos, de uma determinada realidade, vai sendo gradativamente absorvida, já no início do século XX, por diversas disciplinas sócio-culturais ... como um poderoso instrumento no processo de construção do conhecimento. (Teixeira Júnior 2004)

Três outros textos têm como base a pesquisa bibliográfica da relação entre educação musical e contexto cultural. Rissaelma Moura e Luiz Ricardo Queiroz apoiam-se na etnomusicologia para “refletir sobre a necessidade de um processo educativo contextualizado com a realidade sociocultural dos alunos” (Moura 2004), sendo preciso que a “educação musical tenha processos de ensino aprendizagem que contemple diferentes abordagens educacionais. Abordagens que devem ser adequadas a cada situação cultural e que consiga dialogar com os múltiplos contextos em que se ensina, aprende, e vive música” (Queiroz 2004). Já Margarete Arroyo aborda “conceitos de adolescente, adolescência, jovem e juventude” e faz um “mapeamento da relação entre culturas jovens e música popular” (Arroyo 2004). Um texto muito interessante é o de Reginaldo Gil Braga, que usa o “estudo de caso, nos moldes da etnografia musical” para criar subsídios para um currículo de educação musical inserido no contexto da prática educativa. Tendo como fonte de estudo o Colégio

de Aplicação da UFRGS, o autor baseia-se basicamente em Merriam (1964) e Rice (1985) para levantar questões importantes, entre as quais destaco:

Quais os instrumentos musicais que necessitaram de um treinamento longo e os que necessitaram de um treinamento mais curto (Merriam, 1964: 149)? Quais os que necessitaram a interferência de um ensino orientado (Ibidem: 150)? Há implicações de gênero na escolha dos instrumentos ou papéis vocais (Rice, 1994: 39-63)?

- Quem são os professores (familiares, músicos reconhecidos, professores de música da escola formal ou colegas) (Ibidem: 155)? Onde começa a aprendizagem? Com que idade? Há seleção do que se quer aprender no repertório? Há variações individuais quanto à facilidade ou dificuldade de aprendizagem (Rice, 1994: 62-3)?

- Há uma estrutura ordenada e progressiva na aprendizagem (Ibidem: 149)? Em que ordem os conceitos musicais são aprendidos e ensinados (Rice, 1985: 119 e 1994: 64-88)? (Braga 2004)

Entre a comunicações que trabalham com assuntos ou temas relacionados à etnomusicologia, mas não citam nenhum autor, tem a de Raíssa Matias e Ricardo Freire, sobre o desenvolvimento rítmico de crianças brasileiras entre os 2 e 5 anos que, ao concluir que “a cultura também é responsável pelo modo como as crianças se desenvolvem”, cita Sternberg<sup>17</sup> para demonstrar que “os bebês de sociedades não-ocidentais geralmente demonstravam habilidades psicomotoras em idades mais precoces do que os bebês de sociedades ocidentais” (Matias and Freire 2004). Já o texto de Alícia Loureiro sobre o papel e a formação do educador musical, procura “refletir sobre o entendimento do atual processo e da dinâmica do fenômeno musical dentro das instituições escolares de ensino fundamental” e “descobre” uma “acentuada desarticulação entre o ‘falar sobre música’ e o ‘fazer musical’, o que acabaria por apontar... para o uso e funções inadequados da prática musical, em desarmonia com a realidade do aluno e dissonante com o contexto sociocultural brasileiro”<sup>18</sup>. Almeida (2004), por sua vez, procura “investigar como se insere o ensino de música nas oficinas de descentralização da cultura”, financiadas pela prefeitura de Porto Alegre, discutindo o papel do educador musical projetos sociais. Outras comunicações que também focalizam a música como unidade socializadora são as comunicações de Flávia Narita, sobre a diversidade cultural numa escola internacional em São Paulo, na qual sugere que a “educação (musical) não só reproduza as idéias da classe dominante, mas também produza novas idéias que possam afetar a dinâmica de forças relacionadas ao

---

<sup>17</sup>Robert J. STERNBERG, 2000, *Psicologia Cognitiva*, Artmed, Porto Alegre.

<sup>18</sup>Sem fazer nenhuma menção à Charles Seeger que tão bem expôs a dicotomia entre o fazer e o falar sobre música, ou a classificação de usos e funções de Merriam

jogo de poder entre conhecimento e controle<sup>19</sup>, e promova intercâmbio e respeito entre as diversas culturas que convivem neste ambiente escolar” (Narita 2004); Stella Pedrosa, um estudo etnográfico sobre uma banda de fanfarra no interior de São Paulo (Pedrosa 2004); e Vania Fialho<sup>20</sup>, sobre grupos de Rap em Porto Alegre e proximidades, onde afirma que, “o que essa música significa para os jovens que a fazem está relacionado com as pesquisas em educação musical, que tem procurado compreender as formas como os indivíduos se relacionam com a música e qual os sentidos que a ela atribuem” (Fialho 2004).

Ao investigar a relação entre currículo de formação de professores de música e os meios de comunicação de massa, Edineiram Maciel pergunta “como são preparados os professores de música para que façam essa leitura do cotidiano e possam elaborar currículos, programas e atividades que venham enriquecer a experiência musical dos alunos?” (Maciel 2004). Heloísa Leone faz um relato sobre o FEMIM (Festival de Música Infantil Marista) desenvolvido há vinte e cinco anos nessa instituição, em Salvador-BA, questionando as categorias de “bom” ou “ruim” impostas etnocentricamente, e afirmando que é “possível educar musicalmente”, sendo “capaz de entender suas características [das músicas do festival], a partir de análises, independente do gosto pessoal” (Leone 2004). Por fim as comunicações de Cristina Wolffenbüttel e Rosângela Rêgo da Silva focalizam o uso do folclore no ensino Fundamental. A primeira autora faz um survey entre alunos de 9 a 11 anos, cujo “referencial teórico foi constituído por três perspectivas: modelos de ensino escolar, folclore e propostas de inclusão do folclore na escola”, e aponta a “necessidade de uma interlocução entre o ensino escolar e o folclore, numa tentativa de fornecer subsídios para a construção de alternativas de inclusão do folclore no ensino escolar”. (Wolffenbüttel 2004). Já a segunda autora relata o uso do canto coral e algumas competências a serem desenvolvidas, entre as quais: “4 – Apreciar as diversas manifestações culturais; 5 – Entender e avaliar os elos de ligação entre a arte e as demais disciplinas na existência do folclore”, e algumas habilidades requeridas, entre elas: “2 – Ouvir e pesquisar a história da música brasileira, relacionar a história do país, e cantar as músicas indígenas de algumas tribos” (Silva 2004).

## 4 Conclusão

Após a leitura de tanto textos alguns problemas gerais foram detectados, e algumas respostas podem ser dadas.

---

<sup>19</sup>Flávia Narita, 1997, *Music Education, Knowledge and Control*, Unpublished MA report, University of London, Institute of Education.

<sup>20</sup>Ver sua comunicação sobre o mesmo assunto, apresentada em 2003 (Fialho 2003).

1) Em geral há pouco conhecimento sobre os textos básicos da etnomusicologia que, por serem básicos, influenciaram diversos teóricos da música, desde o campo da composição musical à educação musical. A importância em textos básicos como os de Charles Seeger (1977), John Blacking (1995) e (1973), Alan P. Merriam (1964), Bruno Nettl (1964) e (1983), Mantle Hood (1983) entre outros está no fato desses textos já terem iniciado discussões importantes sobre tópicos de interesse interdisciplinar, tais como processos de aprendizagem informais, identidade cultural, usos e funções da música, discurso musical como discurso de poder, controle social, etc. Quando assuntos como esses são abordados sem se ter referência do que já foi escrito há mais de quarenta anos, acontece uma estagnação acadêmica, um contínuo processo de redescoberta, sem reflexão sobre experiências anteriores. Não há, portanto, uma renovação de conhecimento.

2) Na maior parte das comunicações (em geral feitas por pesquisadores iniciantes), quando abordam assuntos como educação musical informal, citam os textos de Arroyo (1999), ou Luciana Prass (1997) como exemplos de estudos já realizados. Sem desmerecer o alto valor dos textos mencionados, percebe-se um desleixo metodológico de revisão bibliográfica, quando não citam nem os textos acima mencionados (talvez por estarem em outra língua), nem outros textos em português, tais como O livro de Carlos Sandroni (2001) ou de Glaucia Lucas (2002), ou o artigo de Angela Luhning (1999) para citar alguns. Isso demonstra claramente uma visão estreita das possibilidades bibliográficas, ao serem selecionados prioritariamente textos que trabalhem de forma explícita a transmissão dos saberes musicais em ambientes não-formais.

3) Como um reflexo do tópico anterior, mas sem ser exclusividade dos textos mencionados, percebe-se uma grande quantidade de citações de terceiros (citações de citações), e em alguns casos, de idéias de terceiros mas não citadas. Por exemplo quando um autor 'A' citava a idéia de 'B', porém, no texto de 'B' a idéia era de 'C'. Isso configurava-se numa citação de terceiros não explícita. De uma forma mais correta seria A citar B apud C.

4) Uma aparente total falta de conhecimento da etnomusicologia como campo de estudos e produção de conhecimento em música, ao constatarmos diversos textos que abordam problemas de multiculturalismo, pluralidade cultural, cultura de elite, folclore, e que se baseiam unicamente em bibliografia advinda da antropologia cultural, sociologia, psicologia, mas nem ao menos um texto de etnomusicologia.

Em resumo, os problemas encontrados são quase todos de ordem metodológica. Seja por erros de citação ou por não aprofundamento na revisão bibliográfica. Uma maior atenção nesse aspecto já resolveria muitas das questões levantadas. Vale a pena também mencionar as diversas inconsistências no que se refere às citações bibliográficas ou

formatação de textos nas comunicações, com diversos casos em que se constatava uma confusão entre estilos diferentes, tais como o de Chicago e a ABNT. Também em relação à formatação, percebe-se uma total falta de atenção às normas exigidas pelos editores, o que em certos casos, chega a dificultar a leitura.

Outro problema de cunho geral poderia ser o fato de que todos os textos mencionados no tópico 1 são escritos em inglês. Talvez isso dificulte seu acesso a pesquisadores iniciantes que, por não dominarem a leitura em inglês de textos científicos, optem por uma saída mais fácil, que é a procura por obras brasileiras que tratem do objeto de estudo desejado. Isso também explicaria a grande quantidade de citações de terceiros.

Textos que falam da ligação da Educação musical com outras disciplinas (Souza 1996) (Cunill 1997, p.72)

Definir melhor multidisciplinaridade e interdisciplinaridade.  
a continuar...

## Referências

- Almeida, Cristiane Maria G. de. 2004. “A Atuação Profissional do Educador Musical em Espaços Não-Escolares.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 217 – 26.
- Araldi, Juciane. 2003. “Aprendizagem Musical de DJs: um estudo multicasos.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Florianópolis: ABEM, 413 – 20.
- Arroyo, Margarete. 1992. “Reflexão sobre a prática.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 90 – 96.
- . 1993. “Etnomusicologia e Atualização da Pedagogia Musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Porto Alegre: ABEM, 94.
- . 1995. “As Contribuições dos Conceitos de Inteligência Musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Goiânia: ABEM, 78.
- . 1996. “Pesquisa em Educação Musical: relato de um processo.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Londrina: ABEM, 232.
- . 1998. “Educação Musical Como Cultura.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Recife: ABEM, 125.
- . 1999. “Representações Sociais Sobre Práticas de Ensino e Aprendizagem Musical: um estudo etnográfico entre congideiros, professores e estudantes de música.” Ph.D. diss., Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- . 2000. “Representações Sociais Sobre Música em Escolas Públicas de Uberlândia, MG: subsídios para políticas de educação musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Belém: ABEM.
- . 2004. “Adolescentes e Música Popular: recorte de uma revisão bibliográfica.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 704 – 11.
- Assano, Christiane Reis D. V. 2003. “Pesquisando Pregões na “Paisagem Sonora” das Ruas.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Florianópolis: ABEM, 140 – 50.
- Assano, Christiane Reis Dias Villela. 2001. “Reflexões Acerca das Concepções de Conhecimento no Contexto dos Chorões.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Uberlândia: ABEM.
- Bastos, Rafael José de Menezes. 1999. *A Musicológica Kamayurá: para uma antropologia da comunicação no Alto Xingu*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Beaumont, Maria Teresa de. 2001. “A Prática da Alfabetização Musical do Conservatório Estadual de Música de Araguari: um estudo de caso.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Uberlândia: ABEM.
- Behague, Gerard. 1997. “Para uma Educação Musical Realista na América Latina ou A Contribuição Etnomusicológica na Formação Realista do Educador Musical Latino-Americano.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 26 – 31.
- Beyer, Esther. 1994. “Educação Musical no Brasil: tradição ou inovação?” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 97 – 115.
- Blacking, John. 1995. *Music, Culture and Experience: selected papers of John Blacking*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Blaking, John. 2000 (1973). *How Musical is Man?* Seattle and London: University of Washington Press.
- . 1980. *Le Sens Musical*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Borborema, Denise de Miranda. 2004. “Marcos Leite: sua brasilidade e contemporaneidade.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 290 – 96.
- Borges, Adálvia. 1997. “O Processo de Transmissão do Conhecimento Musical no Ilê

- Opo Afonjá.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 130.
- Braga, Reginaldo Gil. 2004. “Subsídios Para a Elaboração de um Currículo Significativo de Educação Musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 909 – 17.
- Brito, Teca Alencar de. 2000. “A Educação Musical e o Diálogo Entre Culturas.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Belém: ABEM.
- Chada, Sonia. 1994. “O Culto ao Caboclo no Ilê Dele Omin.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 247.
- . 1997. “A Música dos Caboclos: O Illê Axé Dele Omí.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 131.
- Cunill, Carlos Sanchez. 1997. “Interdisciplinaridade en la Educacion Musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 71 – 78.
- Dallanhol, Kátia Maria Bianchini. 2003. “Jeroky e Jerojy: categorias musicais dos Mbyá-Guarani do Morro dos Cavalos.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Florianópolis: ABEM, 449 – 57.
- Fernandes, José Nunes. 2004. “Aprendizagem da Música na Roda de Capoeira.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 472 – 76.
- Fialho, Vânia Malagutti. 2003. “O Rap e Seus Aspectos Sócio-Musicais.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Florianópolis: ABEM, 851 – 57.
- Fialho, Vania Malagutti. 2004. “O Rap na Vida dos Rappers: “Eu carrego o rap como a minha vida, sem ele eu acho que não vivo”.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 1068 – 73.
- Frega, Ana Lucia. 1995. “Plurlismo Cultural e Educación Musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Goiânia: ABEM, 7 – 10.
- Freire, Vanda Bellard. 1992. “Música e Sociedade: perspectiva histórica e reflexão aplicada ao ensino da música.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 122 – 30.
- . 1997. “Panorama da Música Latino-Americana: aspectos relacionados com emoção, atitude, integração, motivação e educação.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 19 – 25.
- . 2001. “Educação Musical, Música e Espaços Atuais.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Uberlândia: ABEM, 11 – 18.

- Fuks, Rosa. 1992. “Idéias Introdutórias Para Uma História de Uma Ecologia Musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 58 – 65.
- Gomes, Joana Malta, and José Nunes Fernandes. 2004. “O Canto na Roda de Capoeira: processo de ensino–aprendizagem.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 472 – 76.
- Gonçalves, Maria de Lourdes J. 1992. “Reflexão e Prática em Educação Musical: como conciliar?” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 58 – 65.
- Greif, Elza Lancman. 2001. “As Músicas do Cetep – Quintino.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Uberlândia: ABEM.
- Grossi, Cristina, Tatiane M. Santos, Luciana A. Schmidt, Rose A. Carvalho, and João G. Kienen. 2000. “Música Popular na Percepção Musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Belém: ABEM.
- Grossi, Cristina, Tatiane M. Santos, Luciana A. Schmidt, and Lucilena P. Correia. 2001. “Música Popular na Percepção Musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Uberlândia: ABEM.
- Hargreaves, David J. 1992. “Teoria e Prática em Educação Musical: uma perspectiva britânica.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 12 – 23.
- Hentschke, Liane. 2001. “A Formação Profissional do Educador Musical: poucos espaços para múltiplas demandas.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Uberlândia: ABEM, 67 – 74.
- Hentscke, Liane. 1993. “Relações da Prática com a Teoria na Educação Musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Porto Alegre: ABEM, 49 – 67.
- Hood, Mantle. 1983. *The Ethnomusicologist*. New York: McGraw-Hill.
- Kleber, Magali Oliveira. 2003. “Projetos Sociais e a Prática da Educação Musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Florianópolis: ABEM, 537 – 47.
- Leal, Ana Luiza C. da Silva. 2000. “A Cultura Popular e a Formação do Aluno de Música da UFPA.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Belém: ABEM.
- Leone, Heloísa Helena C. 2004. “Festival Infantil de Música: uma experiência de educação musical em escola regular.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 432 – 37.

- Lima, Hebe de Medeiros, and Lourdes Macena. 2003. “Músicas e Danças Folclóricas Cearenses Como Práticas Educativas nas Escolas de Fortaleza.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Florianópolis: ABEM, 353 – 56.
- Lima, Maria Helena de. 2003. “Educação Musical / Educação Popular: projeto música & cidadania, uma proposta de movimento.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Florianópolis: ABEM, 648 – 55.
- Lima, Sonia Albano. 2000. “Educação Musical: a preservação da produção artística e cultural brasileira frente ao fenômeno da mundialização.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Belém: ABEM.
- Lourenço Filho, Antônio. 2003. “Band‘Erê: um projeto social.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Florianópolis: ABEM, 68 – 75.
- Lucas, Glaura. 2002. *Os Sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Luedy, Eduardo Marques. 2000. “Educação, Ciência e Religiosidade: evangélicos na Escola de Música da UFBA.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Belém: ABEM.
- Luhning, Angela. 1997. “Antropologia Visual e Etnomusicologia na Educação Musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 134.
- Luhüning, Angela. 1999. “A Educação Musical e a Música da Cultura Popular.” *ICTUS (Periódico do Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA)* 1 (dezembro): 53 – 62.
- Maciel, Edineiram Marinho. 2004. “Cotidiano, Currículo e Educação Musical: relações entre a mídia, a educação musical no ensino fundamental e a formação de professores de música.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 326 – 32.
- Marques e Louro, Ana Lúcia, and Maria Cecília de Araújo R. Torres. 2003. “A Música Nossa de Cada Dia: narrativas de si e crenças pedagógicas.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Florianópolis: ABEM, 61 – 67.
- Matias, Raíssa Bisinoto, and Ricardo Dourado Freire. 2004. “Mapeamento do Desenvolvimento Rítmico de Crianças Brasileiras na Idade de 2 a 5 Anos.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 870 – 76.
- Mendes, Jean Joubert F. 2004. ““Escuta o Tum e Faz Tum, Tum”: a aprendizagem musical/cultural na formação identitária em um terno de congado de Montes Claros

- MG.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 465 – 71.
- Mendonza, Gloria Valencia. 1997. “Multiculturalismo Como Opcion de Integracion Humanistica.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 87 – 95.
- Merriam, Alan P. 1964. *The Anthropology of Music*. Evanston: Northwestern University Press.
- Monteiro, Roberto Borda. 1997. “Multiculturalismo Como Ocasión de Integración Humanística.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 96 – 98.
- Moura, Risaelma de Jesus Arcanjo. 2004. “Educação Musical e Cultura: perspectivas para o ensino da música na contemporaneidade.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 932 – 39.
- Müller, Vânia. 2000. “A música é, bem dizê, a vida da gente: um estudo com crianças e adolescentes em situação de rua na Escola Municipal Porto Alegre - EPA.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Belém: ABEM.
- Narita, Flávia Motoyama. 2004. “Educação Musical em um Ambiente Multicultural: qual o conhecimento válido?” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 372 – 77.
- Nettl, Bruno. 1964. *Theory and Method in Ethnomusicology*. Free Press.
- . 1983. *The Study of Ethnomusicology - twenty-nine issues and concepts*. Urbana: University Illinois Press.
- Oliveira, Alda. 1992. “Estruturas do Ensino em música: análise de aspectos externos.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 24 – 27.
- . 1996. “Pesquisa em Psicologia da Música.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Londrina: ABEM, 59 – 86.
- . 1997. “Construção da Memória Musical do Indivíduo.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 51 – 58.
- . 2001. “Múltiplos Espaços e Novas Demandas Profissionais na Educação Musical: competências necessárias para desenvolver transações musicais significativas.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Uberlândia: ABEM, 19 – 40.

- Oliveira, Fernanda de Assis, and Lilia Neves Gonçalves. 2003. “A Função da Canção no livro Educação Musical para a Pré-escola, de Nereide Schilaro Santa Rosa (1990): uma análise de conteúdo.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Florianópolis: ABEM, 319 – 25.
- Paz, Ermelinda. 1994. “Os Ritmos Populares: sua prática nas baterias das Escolas de Samba e o ensino formal (ou acadêmico) do ritmo nas disciplinas ‘percepção musical’ na UNIRIO e UFRJ.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 240.
- . 1995. “Os Ritmos Populares.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Goiânia: ABEM, 84.
- Pedrosa, Stella Maria Peixoto de Azevedo. 2004. “Ecos de Uma Fanfarra: da educação musical à inclusão social.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 1011 – 17.
- Prass, Luciana. 1997. “Saberes Musicais em uma Bateria de Escola de Samba: uma etnografia entre os ‘Bambas da Orgia’.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 135.
- Queiroz, Luis Ricardo Silva. 2004. “Transmissão Musical Informal: reflexões para as práticas de ensino e aprendizagem da música.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 669 – 76.
- Ramos, Sílvia Nunes. 2003. “Repertório Escolar e Repertório Midiático: entre dois mundos musicais.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Florianópolis: ABEM, 783 – 90.
- Rice, Timothy. 1985. “Music Learned but Not Taught: The Bulgarian Case.” *Becoming Human Through Music*. Conferência Nacional de Educadores Musicais, Reston, Virginia: ABEM, 115 – 22.
- Rios, Marialva. 1994. “Educação Musical e Oralidade: aprendizagem de manifestações da cultura popular.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 258.
- . 1995. “Educação Musical Informal e suas Formalidades.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Goiânia: ABEM, 67 – 72.
- Sandroni, Carlos. 2000. “‘Uma Roda de Choro Concentrada’: reflexões sobre o ensino de músicas populares nas escolas.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Belém: ABEM, 19 – 26.

- . 2001. *Feitiço Decente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Santos, Regina Márcia Simão. 1996. “A Pesquisa no Ensino da Música.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Londrina: ABEM, 145 – 69.
- . 2000. “Cartografias na Educação Infantil: quem joga?” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Belém: ABEM, 111 – 32.
- . 2001. “A Formação Profissional para os Múltiplos Espaços de Atuação em Educação Musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Uberlândia: ABEM, 41 – 66.
- Seeger, Charles. 1977. *Studies in Musicology: 1935-1975*. Berkeley: University of California Press.
- Sekeff, Maria de Lourdes. 1994. “O Movimento Ritmo e Som dá o Recado.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador: ABEM, 244.
- Silva, Cibele Lauria. 2003. “Processos de Ensino/Aprendizagem Musical na Escola de Samba Pena Branca e no Bloco Rato Seco em Diamantina.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Florianópolis: ABEM, 151 – 57.
- Silva, Rosângela Rêgo da. 2004. “O Coral e a Interdisciplinaridade no Ensino Médio do Centro Educacional 02 de Taguatinga-DF.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 961 – 65.
- Souza, Jussamara. 1996. “Contribuições Teóricas e Metodológicas da Sociologia para a Pesquisa em Educação Musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Londrina: ABEM, 11 – 39.
- . 2001. “Múltiplos Espaços e Novas Demandas Profissionais: reconfigurando o campo da educação musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Uberlândia: ABEM, 85 – 92.
- Swanwick, Keith. 1993. “Permanecendo Fiel à Música na Educação Musical.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Porto Alegre: ABEM, 19 – 32.
- Tafari, Johannella. 2000. “O Desenvolvimento Musical Através do Canto na Etapa Infantil.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Belém: ABEM, 53 – 68.
- Tanaka, Harue. 2001. “Ensino e Aprendizagem do Cavalo–Marinho Infantil do Bairro dos Novais (1999).” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Uberlândia: ABEM.

- . 2004. “Escola de Samba “Malandros Do Morro”: um espaço de educação musical popular.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 414 – 19.
- Teixeira Júnior, José Carlos. 2004. “Educação Musical e Pesquisa Participativa: uma experiência.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 477 – 83.
- Tourinho, Cristina. 1995a. “Cultura, Repertório e Aula de Música.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Goiânia: ABEM, 45 – 53.
- Tourinho, Irene. 1995b. “Cultura e Educação Musical na Escola Regular.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Goiânia: ABEM, 55 – 66.
- Travassos, Elizabeth. 2001. “Etnomusicologia, Educação Musical e o Desafio do Relativismo Estético.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Uberlândia: ABEM, 73 – 84.
- Wille, Regiana Blank. 2003. “As Vivências Musicais dos Adolescentes: desvelando suas práticas formais, não-formais e informais.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Florianópolis: ABEM, 697 – 704.
- Wolffenbüttel, Cristina Rolim. 2003. “Vivências Musicais e Folclore: um survey junto a alunos do Ensino Fundamental.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Florianópolis: ABEM, 249 – 56.
- . 2004. “Vivências e Concepções de Folclore e Música Folclórica: um survey com alunos de 9 A 11 anos do Ensino Fundamental.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Rio de Janeiro: ABEM, 258 – 65.
- Zagonel, Bernadete, and Guilherme Romanelli. 2001. “Um Estudo Sobre os Samba de Enredo do Carnaval de Antonina com Vistas a uma Aplicação Didática.” *Anais...* Associação Brasileira de Educação Musical, Uberlândia: ABEM.